ISSN: 2358-8829

A ATUAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA FRENTE A PRÁTICAS ANTIRRACISTAS

Aurélio Rafael Monteiro Quirino [1]
Erico José Cruz Souza Júnior [2]
Celia Maria Cruz Marques [3]

RESUMO

Ao destacar a equipe multidisciplinar no contexto educacional brasileiro, a Psicopedagogia mostra-se em evidência enquanto profissão em ascensão. Essa ciência estuda e intervém sobre os fatores que envolvem o processo de ensino e aprendizagem do sujeito, atuando com o objetivo de minimizar os impactos gerados por dificuldades específicas, como os transtornos do neurodesenvolvimento e os transtornos específicos da aprendizagem. Dessa forma, reduz fatores de risco por meio de intervenções individualizadas, além de atuar na prevenção e identificação precoce de barreiras no aprender. Para além de se restringir às limitações, a práxis psicopedagógica orienta-se pelo reconhecimento e fortalecimento das potencialidades do indivíduo, promovendo sua autonomia e desenvolvimento integral. Contudo, a área enfrenta desafios expressivos pela escassez de pesquisas voltadas às questões sociais e raciais. Embora a literatura psicopedagógica compreenda o sujeito de forma plural, raros são os estudos que analisam a aprendizagem sob a ótica da interseccionalidade. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva refletir criticamente sobre o papel do psicopedagogo enquanto educador antirracista no ambiente educacional. A investigação evidencia a carência de produções sobre a práxis aplicada aos processos de ensino-aprendizagem de pessoas negras e neurodivergentes. Por fim, destaca-se a urgência de promover uma atuação antirracista que combata a exclusão, favoreça a equidade e fortaleça o pertencimento intelectual, político e a conscientização crítica desses estudantes.

Palavras-chave: Transtornos do Neurodesenvolvimento; Psicopedagogia; Educação Antirracista; Educador Antirracista.

[1] Graduando pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, armq@academico.ufpb.br;
[2] Graduando pelo Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, ericojunior02@gmail.com;
[3] Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - UFPB, celllliamarques@gmail.com.

ISSN: 2358-8829

INTRODUÇÃO

A atuação psicopedagógica no contexto da equipe multidisciplinar visa garantir uma visão integral do sujeito, objetivando o fortalecimento da sua autocompreensão de seu processo de aprendizagem. Mello *et al*. (2024) destacam que o trabalho da equipe multidisciplinar tem em seus objetivos o papel preventivo na identificação de dificuldades, barreiras e no reconhecimento de transtornos, auxiliando na estruturação de estratégias que busquem favorecer o desenvolvimento do sujeito e da sua aprendizagem. Nesse sentido, o trabalho psicopedagógico articula a equipe multidisciplinar à medida que também objetiva atuar de forma preventiva frente às dificuldades e transtornos que impactam a aprendizagem.

A priori, é essencial compreender o papel da Psicopedagogia em seu objeto de estudo e em seu campo de atuação. A Psicopedagogia se ocupa do estudo do processo de aprendizagem e suas variáveis, entendendo o sujeito como ser capaz de conhecer, aprender e ser protagonista do seu próprio aprendizado. Sob esse olhar, Barbosa (2007) complementa a reflexão ao definir a Psicopedagogia como:

> A área do conhecimento que se propõe estudar o ser cognoscente e seu processo de aprender, compreendendo-o como um ser constituído de três grandes dimensões: a Racional, a Relacional e a Desiderativa e do funcionamento decorrente das relações dessas três dimensões, que acontecem num corpo físico e biológico, bem como num contexto cultural próprio. (Barbosa, 2007, p. 91)

Nessa perspectiva, o processo de aprender não se reduz à mera transmissão ou absorção de conteúdos, mas envolve a capacidade do sujeito de construir sentido a partir de suas experiências, relações e vivências, tornando-se agente ativo desse processo (Claro, 2018).

A Psicopedagogia consolidou-se no Brasil como um campo interdisciplinar indispensável para a compreensão das múltiplas dimensões que perpassam o ato de aprender. Bossa (2019) afirma que a Psicopedagogia surge a partir das tentativas de compreender o fracasso escolar tendo em vista a complexidade desse fenômeno. O objeto de estudo da Psicopedagogia, conforme Rubinstein (2001, *apud* Claro, 2018), fundamenta-se na pesquisa, compreensão e análise da aprendizagem humana, englobando tanto o seu desenvolvimento regular quanto o surgimento de dificuldades. Sob essa ótica, a aprendizagem é vista como uma construção dinâmica e complexa, que envolve contínuas formulações e reformulações de hipóteses.

ISSN: 2358-8829

A atuação psicopedagógica é, a um só tempo, terapêutica e preventiva, sendo essas dimensões articuladas entre si (Peres; Oliveira, 2007). A atuação da Psicopedagogia na perspectiva terapêutica busca traçar estratégias remediativas individualizadas frente às dificuldades já apresentadas pelo sujeito, com o objetivo de minimizar os obstáculos na aprendizagem. Por sua vez, na perspectiva preventiva, o trabalho psicopedagógico visa antecipar e identificar barreiras no processo de ensino-aprendizagem. Sob uma ótica interdisciplinar, o profissional passa a mapear tanto as potencialidades quanto as limitações presentes no contexto do aprendente (Moura *et al.*, 2019).

Diante dessa complexidade, e partindo da compreensão do caráter preventivo da Psicopedagogia, torna-se fundamental analisar a influência dos marcadores sociais na aprendizagem. Dentre os marcadores sociais que atravessam o processo de aprender, a raça se configura como um deles, ainda que seja um fator pouco explorado pela Psicopedagogia. Levando em consideração sua visão integral sobre o sujeito que aprende, tal concepção pode ser interligada com o fenômeno que Collins e Bilge (2021) denominam como interseccionalidade, descrevendo-o como uma ferramenta analítica, contribuindo para o reconhecimento do sujeito em sua individualidade de que raça, gênero e classe social não operam de forma isolada, mas, se atravessam e se conformam mutuamente na experiência concreta de cada indivíduo e moldam-se mutuamente para estruturar as desigualdades sociais.

Ao analisar o percurso escolar de estudantes negros neurodivergentes, a lente interseccional revela a manifestação do que a literatura conceitua como duplo estigma: a sobreposição estrutural do racismo e do capacitismo no cotidiano educacional (Viégas; Gil, 2026; Scholz; Freitas, 2021). A articulação entre essas duas formas de discriminação constitui um sistema de dominação que perpetua a invisibilização, a segregação e a negação de direitos (Viégas; Gil, 2026). Nesse cenário, a vivência de crianças e adolescentes negros com transtornos do neurodesenvolvimento não pode ser compreendida de forma isolada, visto que os vieses raciais e as barreiras atitudinais e institucionais se reforçam mutuamente (Araújo *et al.*, 2025; Viégas; Gil, 2026). Para a Psicopedagogia, reconhecer essa duplicidade de estigmas exige o desenvolvimento de uma práxis que seja simultaneamente antirracista e anticapacitista, orientada para a eliminação ativa de barreiras na aprendizagem e na promoção da equidade (Moura *et al.*, 2019; Viégas; Gil, 2026).

Sob essa ótica, os transtornos do neurodesenvolvimento e as dificuldades de aprendizagem não afetam os sujeitos de maneira homogênea: crianças e adolescentes negros enfrentam barreiras adicionais, que vão do diagnóstico tardio à ausência de representatividade

ISSN: 2358-8829

nos espaços de cuidado e de escolarização (Albuquerque, 2024; Santiago; Faria, 2021), o que exige do psicopedagogo uma leitura que ultrapasse o campo estritamente cognitivo e alcance as condições sociais e raciais que também determinam o aprender (Almeida, 2019; Bento, 2022).

É nesse ponto que a educação antirracista se faz um referencial necessário na atuação psicopedagógica. Compreendida como um projeto ético-político voltado ao reconhecimento e à desconstrução do racismo estrutural presente nas instituições escolares (Pinheiro, 2023), a educação antirracista demanda dos profissionais da educação, entre eles o psicopedagogo, uma postura crítica diante das desigualdades raciais que atravessam o cotidiano escolar e interferem diretamente na constituição da identidade e da autoestima do alunado negro.

Nesse sentido, mediante uma revisão bibliográfica exploratória, este artigo objetivou refletir criticamente sobre o papel do psicopedagogo enquanto educador antirracista no ambiente educacional, e fortalecer a importância de estudos que correlacionem pensamentos coletivos, plurais e subjetivos, como a interseccionalidade e a atuação Psicopedagógica.

METODOLOGIA

O processo metodológico do presente trabalho fundamenta-se em uma pesquisa bibliográfica de caráter exploratório, realizada a partir do levantamento de materiais acadêmicos (artigos científicos, livros, dissertações e publicações digitais). Essa abordagem possibilita uma compreensão abrangente do tema, permitindo identificar lacunas na literatura e acompanhar o estado da arte das discussões mais recentes sobre a Psicopedagogia e a educação antirracista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A PSICOPEDAGOGIA E INTERSECCIONALIDADE: ONDE SE ENCONTRAM?

Ao interligar a interseccionalidade (Collins; Bilge, 2021) e a atuação psicopedagógica, reafirma-se a importância da individualização do ser-cognoscente, ou seja, o reconhecimento de que cada sujeito aprende a partir de um lugar social, racial e cultural específico, que não pode ser dissolvido em categorias diagnósticas. O levantamento bibliográfico evidencia lacunas na literatura, embora a Psicopedagogia disponha de produção robusta sobre

ISSN: 2358-8829

transtornos do neurodesenvolvimento e sobre a dimensão preventiva de sua atuação, praticamente inexistem trabalhos que tomem a raça como categoria central de análise no campo.

Essa lacuna desdobra-se na falta de representatividade, visto que raramente a experiência de crianças e adolescentes negros é tomada como ponto de partida para pensar diagnóstico e intervenção e menos frequente ainda é a presença de pesquisadores negros produzindo conhecimento dentro do próprio campo, o que reforça um ciclo em que o sujeito negro aparece, quando aparece, como objeto da pesquisa, e não como referência para construí-la (Carneiro, 2005).

Esse encontro demanda, ainda, um cuidado analítico. Para Collins e Bilge (2021), a interseccionalidade não opera pela soma de categorias, mas pela compreensão de que elas se moldam mutuamente. Transposto para o campo psicopedagógico, isso significa que a experiência de uma criança negra com um transtorno do neurodesenvolvimento não equivale a "transtorno somado à raça", mas constitui uma experiência de aprendizagem distinta, que uma leitura estritamente clínica tende a não observar. Tratar todos os sujeitos como iguais, sem considerar a raça, não é neutralidade: é adotar a experiência de um único grupo como padrão para todos. Daí a necessidade de a atuação psicopedagógica incorporar a raça como categoria de análise desde a escuta, a anamnese e a avaliação, e não apenas como informação complementar. Essa incorporação, contudo, encontra um obstáculo que merece ser discutido, os próprios instrumentos e critérios com os quais o sujeito é avaliado.

Muitos desses instrumentos ancoram-se, direta ou indiretamente, nos critérios do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), cuja lógica classificatória pode ser lida, à luz do conceito foucaultiano de *Poder de Normalização* (Foucault, 1987), como um mecanismo que avalia, categoriza e disciplina os sujeitos a partir de padrões estabelecidos como normais, fixando-os a uma norma que se pretende universal e neutra. Essa normalização, contudo, não surge de modo aleatório, funda-se em uma base referencial construída histórica e socialmente a partir de parâmetros majoritariamente brancos e ocidentais, que não se correlacionam necessariamente com a diversidade racial, cultural e social dos sujeitos avaliados. Diagnosticar a partir dessa base significa, na prática, avaliar crianças e adolescentes negros a partir de uma régua que não foi construída pensando neles, o que ajuda a explicar, em alguma medida, tanto o diagnóstico tardio quanto possíveis distorções na forma como determinados transtornos se distribuem nessa população.

ISSN: 2358-8829

Frente a esse debate de importância central, a Psicopedagogia assume a responsabilidade ético-política de atuar como agente comunitário no combate ao racismo estrutural. Conforme assinala Bárbara Carine (2023) em "Como ser um educador antirracista", a instituição escolar é constituída por uma teia complexa de interações sociais, o que a posiciona como um espaço estratégico para a transformação da realidade social em níveis micro e macroestruturais.

Regulamentada e respaldada pela Lei nº 15.519 (BRASIL, 2026), nos âmbitos da saúde e da educação, a atuação psicopedagógica, voltada não apenas para o estudante com transtornos do neurodesenvolvimento, ultrapassa o caráter estritamente clínico ou remediativo. Trata-se de uma práxis que pesquisa e avalia as especificidades do aprender considerando, de forma indissociável, as variáveis cognitivas, sociais e raciais que atravessam o sujeito. Consolida-se, portanto, a urgência de uma atuação profissional socialmente engajada, capaz de impulsionar uma educação antirracista que consolide o pertencimento intelectual, a consciência crítica e a cidadania desses indivíduos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou refletir criticamente sobre a atuação do psicopedagogo enquanto educador antirracista, tensionando as fronteiras da práxis psicopedagógica a partir do pensamento interseccional. Constatou-se que a literatura tradicional da área ainda mantém a dimensão racial invisibilizada ou periférica na análise dos transtornos do neurodesenvolvimento e das dificuldades de aprendizagem, o que compromete a equidade nas fases de avaliação, diagnóstico e intervenção.

Compreender o sujeito aprendente em sua totalidade exige reconhecer que raça, classe e neurodivergência se cruzam na estruturação das trajetórias escolares. Assim, a atuação psicopedagógica não pode limitar-se à neutralidade clínica; deve assumir um compromisso ético-político com o combate ao racismo e ao capacitismo no ambiente educacional.

Evidencia-se a necessidade imperativa de novas pesquisas aplicadas que tomem a vivência de estudantes negros neurodivergentes como centro das investigações. Espera-se que este estudo contribua para fomentar ações institucionais mais inclusivas, promovendo o pertencimento e o protagonismo intelectual de todos os sujeitos no processo de aprendizagem.

ISSN: 2358-8829

Na concretude da práxis, assumir esse posicionamento implica revisar criticamente os instrumentos de avaliação e intervenção psicopedagógica. Desde a entrevista inicial e a anamnese, faz-se necessário acolher a história de vida do aprendente considerando os impactos subjetivos e cognitivos do racismo escolar na constituição de sua autoestima e na sua relação com o saber. Ademais, cabe ao psicopedagogo selecionar recursos lúdicos, literários e interventivos que promovam a representatividade positiva da população negra, bem como atuar junto à equipe escolar para desconstruir olhares patologizantes ou punitivistas que frequentemente recaem sobre os corpos e comportamentos de estudantes negros neurodivergentes.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a parceria, imprescindível para a construção deste trabalho. Nosso agradecimento especial à professora Célia, que esteve presente na construção do olhar crítico sobre esse trabalho, e também na nossa construção enquanto educadores. Estendemos nossos agradecimentos às professoras Adriana Gaião e Andréia Escarião, por todo o suporte, incentivo e afeto ao longo de nossa trajetória.

Aos nossos amigos, agradecemos por serem presença, apoio e leveza durante esse percurso. Vocês são imprescindíveis, tanto nos momentos de apoio emocional quanto nas inúmeras risadas que tornaram essa caminhada mais bonita.

Aos nossos motivos de sempre esperançar com amorosidade, Vovó Lúcia, Dona Sônia e Analice, nosso carinho e gratidão. Vocês nos lembram, todos os dias, que caminhar também é encontrar razões para continuar acreditando, amando e esperançando.

Agradeço a um menino que nasceu no interior da Paraíba, filho de agricultores e fruto da educação pública. Agradeço por ter insistido nos seus sonhos, por ter acreditado na sua educação e, sobretudo, por ter tido coragem de se lançar ao mundo. Foi essa coragem que nos trouxe até aqui.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Jean. **Invisibilizadas, crianças negras neurodivergentes têm infância marcada por desafios**. Alma Preta Jornal, 22 jul. 2024. Disponível em:

https://almapreta.com.br/almapretinha-conteudo/invisibilizadas-criancas-negras-neurodivergentes-tem-infancia-marcada-por-desafios/. Acesso em: 29 out. 2026.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Estefanny Camilly Mariano de et al. **Racismo e capacitismo na educação de estudantes negros autistas**: uma abordagem interseccional. In: ANAIS do XI Congresso Nacional de Educação (CONEDU). Campina Grande: Realize Editora, 2025. Disponível em: https://editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/130956\. Acesso em: 02 out. 2026.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. A Epistemologia da Psicopedagogia: reconhecendo seu fundamento, seu valor social e seu campo de ação. Comemorando os 15 anos da ABPp - Paraná Sul, 2006. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 24, n. 73, p. 90-100, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862007000100011&script=sci_abstract. Acesso em: 27 set. 2026.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOSSA, Nádia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

BRASIL. Lei nº 15.519, de 23 de setembro de 2026. Dispõe sobre o exercício da atividade de psicopedagogia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 set. 2026. Disponível em: https://www.camara.leg.br/noticias/1306247-lei-regulamenta-exercicio-da-psicopedagogia-com-veto-a-requisitos-de-formacao. Acesso em: 29 out. 2026.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser.** 2005. 340 f. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CLARO, Genoveva Ribas. **Fundamentos de Psicopedagogia**. Curitiba: InterSaberes, 2018.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2021.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

MELLO, Ana Paula Barbieri de; BENVENUTTI, Dilva Bertoldi; METZ, Graciela Deise; STÜRMER, Patrícia Aparecida. O Trabalho da Equipe Multidisciplinar na Educação Básica: Reflexões sobre as Práticas Realizadas Nesse Contexto. **Revista Literatura em Debate**, [S. l.], v. 19, n. 33, p. 69–91, 2024. Disponível em: https://revistas.fw.uri.br/literaturaemdebate/article/view/4775. Acesso em: 22 set. 2026.

MOURA, Anaisa Alves de; MARTINS, Evaneide Dourado; MOURA, Vithória Alves de; MARTINS, Adriana Pinto. A psicopedagogia e suas estratégias facilitadoras no processo de aprendizagem. **Revista online de Política e Gestão Educacional**, Araraquara, v. 23, n. 2, p. 479–493, 2019. Disponível em: https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/12654. Acesso em: 27 set. 2026.

PERES, Maria Regina; OLIVEIRA, Maria Helena Mourão Alves. **Psicopedagogia**: limites e possibilidades a partir de relatos de profissionais. Ciênc. cogn., Rio de Janeiro, v. 12, p. 115-133, nov. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-58212007000300012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 out. 2026.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um educador antirracista**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

SANTIAGO, Flavio; FARIA, Ana Lúcia Goulart de. **Feminismo Negro e Pensamento Interseccional**: contribuições para as pesquisas das culturas infatis. Educação & Sociedade, Campinas, v. 42, p. e239933, 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/qzyyYKFLrmdBfC3mMpkQvKL/. Acesso em: 07 out. 2026.

SCHOLZ, Danielle; FREITAS, Cláudia Rodrigues de. Alunos negros e com deficiência: Narrativas da produção social de duplo estigma no espaço escolar. **Revista da ABPN**, v. 13, n. 38, p. 81-103, 2021.

VIÉGAS, Luciana; GIL, Marta Almeida. **Orientações de acessibilidade antirracista na educação**. Realização: Projeto SETA. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2026. E-book (PDF). ISBN 978-65-89247-07-4.